

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 26.)

666.º Ha poucos annos que foi felizmente introduzido na *borda d'agoa* o uso de enterrar a semente dos cereaes por meio do extirpador. Este methodo é de uma economia, de uma expedição e de um proveito geralmente reconhecidos, principalmente quando é mister resemear, por haverem sido destruidas as sementes pelos estragos causados pelas cheias. Quando o emprego do extirpador não é contraindicado pelas desigualdades e asperezas do terreno não nos podemos servir para este effeito de um instrumento mais proveitoso.

Colheitas.

667.º Não basta que o agricultor saiba cultivar a terra é tambem necessario que saiba recolher os seus productos economica e opportunamente. A menor negligencia nesta operação pôde acarretar-lhe resultados desastrosos; e é por isso necessario que a sua actividade e vigilancia redobrem durante a *colheita*, que é o complemento de todas as suas lidas e o fructo abençoado que Deus lhe envia como recompensa do seu trabalho.

668.º Nós não trataremos aqui das epochas e dos processos requeridos pelas diversas colheitas. Este assumpto deve de ser tratado quando nos occuparmos das culturas especiaes, e agora só trataremos de dar algumas noções sobre o modo geral de fazer e conservar as colheitas.

669.º O cultivador providente não deve perder um momento em effectuar opportunamente as suas colheitas, e pol-as quanto antes fóra da acção dos agentes que podem destruil-as. Não deixar para o dia seguinte o que se pôde fazer no antecedente é uma maxima de economia applicavel a todas as operações agricolas, mas principalmente ás da colheita. Em quanto as forragens estão no campo e os cereaes em pé

uma tempestade de chuva ou de saraiva ós pôde destruir parcial ou totalmente. Os calores excessivos e o *suão abrazador* dessecão e abrem muitas vezes os casulos que contem os grãos e alastrão a terra delles. Ha um sem numero de contratempos, a que se deve oppôr uma diligencia e actividade continua; e em quanto as colheitas se não acharem convenientemente arrecadadas nunca o agricultor se deve reputar seguro e tranquillo.

670.º É preciso cuidar de antemão de ajustar os trabalhadores necessarios para que todas as operações se fação em tempo, sem precipitação nem desordem; e para que os diversos trabalhos da colheita seuão embaracem pela sua multiplicidade. Nas nossas provincias do sul é inda mais necessaria esta prevenção por ser muito insufficiente o numero de braços disponiveis ~~nestas~~ ~~provincias~~ ~~pela~~ ~~sua~~ ~~escassa~~ ~~população~~ ~~importão~~ ~~na~~ ~~epoca~~ ~~das~~ ~~ceifas~~ ~~um~~ ~~consideravel~~ ~~numero~~ ~~de~~ ~~trabalhadores~~, que affuem em *camaradas* das povoações do norte; sendo por isso conveniente que o lavrador com a necessaria anticipação diligencie obter a quantidade de ceifeiros e mais trabalhadores de que carece para poder levar ao cabo os variados afazeres desta epocha. Nós temos muitas vezes presenciado na provincia do Alemtejo, donde somos naturaes, as torturas em que por falta de providencia alguns lavradores se tem visto para poderem effectuar as suas colheitas em annos abundantes.

671.º Os animaes de tiro, os carros, os instrumentos, e as ferramentas que hão-de servir, quer na ceifa, quer na eira, devem tambem estar aviados e promptos para se poderem empregar sem detença logo que a occasião o pedir.

672.º Se houver forragens ou fenos a recolher precisam-se tomar muitas precauções, porque é sobre a abundancia e qualidade das forragens que devem em grande parte assentar os calculos do cultivador, visto que ellas constituem a principal sustentação dos seus gados, e são o elemento fundamental da producção dos estrumes. Conforme as forragens forem provenientes de prados naturaes ou artificiaes assim devem ser ceifadas em epochas diversas. A epocha do começo da floração é em geral a mais propria para os prados artificiaes, que devem produzir mais de um corte; e a do começo da fructificação, quando a flor principia a mur-

char-se é a mais indicada para os prados naturaes. Estas regras porém são sujeitas a muitas modificações umas dependentes da natureza das plantas, outras da natureza do clima, &c.

673.º E' mister não recolher nem empalhear os fenos senão no estado de conveniente dessecação. Se os recolhermos humidos e sobre o verde entrarão em fermentação, tornando-se improprios para a alimentação dos gados, e prejudicialissimos a sua saúde; se pelo contrario os deixarmos expostos á insolação por largo tempo, e os recolhermos demasiadamente seccoos perdem a maior e melhor parte dos seus principios nutritivos, e tornam-se demasiadamente asperos e ingratos aos animaes.

674.º Se as colheitas forem de *fromentaceas* ou de *gramíneas* é necessario que a ceifa se faça logó que o grão estiver em estado de se não poder esmagar entre os dedos: esta é a opinião dos melhoes agronomos. E na verdade se acaso se ceifa antes desta epoca perde-se uma grande copia de grãos, que não tinham ainda chegado a desenvolver-se, e se por ventura se ceifa depois, como a semente tem já percorrido todo o periodo da maturação, dessemina-se e espalha-se em grande parte sobre o terreno no acto de se cortarem os colmos.

675.º A conservação do grão das *fromentaceas*, como o trigo, o centeio, a cevada, &c. demanda precauções muito particulares. A escuridão e a humidade dos celleiros são condições que favorecem a germinação e a fermentação dos grãos. Para prevenir esta deterioração é mister que os celleiros sejam construidos em logar elevado, secco e bem arejado; e que tenham frestas e ventiladores.

676.º O uso antiquissimo, e muito commum entre os Egypticos e Romanos de guardar o grão em *syros*, que são depositos ou cavas praticadas no chão, inteiramente perservadas da humidade, rebocadas interiormente de barro ou greda, e muito bem tapadas superiormente; é digno de se generalisar.

677.º Tambem os cereaes se conservam muito bem em sacas isoladas umas das outras, e em potes ou grandes vazilhas de barro, que se tapão de maneira, que fique inteiramente interceptada a communição entre o grão e o ar exterior.

678.º Quando o *gorgulho* e a *traça* atacão os cereaes é necessario immediatamente exterminal-os. Tem-se aconselhado para isto muitos meios; mas os mais efficazes são o *padejamento* frequente do grão, e a sua ventilação por meio de fortes correntes de ar. Tambem é preconisada como meio efficaz a collocação de pequenos vellos de lã sobre as medas de trigo, os quaes se vão successivamente sacudindo e collocando de novo sobre o grão, que fica por este processo isempto dos bichos que o devoravão, e que morrem entre os pellos emmaranhados dos vellos. Tem-se finalmente aconselhado a introdução nas medas do grão de sa-

quinhos de camphora, que pelo seu cheiro afugentam o gorgulho e a traça.

679.º A conservação das raizes carnosas e tuberculosas, como a cinoura, a betarraba, as batatas, &c. merece grande attenção; visto que estas raizes se tem introduzido com muito proveito na grande cultura para serem empregadas no sustento dos gados. Para as conservar é preciso perserval-as da humidade, e do grande calor; e põl-as em taes condições que não possam nem apodrecer, nem fermentar, nem germinar. Este resultado obtem-se armazenando-as dentro de *syros* feitos á superficie da terra, e construidos de modo que fiquem impermeaveis á agoa, e aos outros meteoros aquosos.

Maquinas e instrumentos aratorios.

680.º O aperfeçoamento de todas as artes tem sempre marchado a par do aperfeçoamento dos seus instrumentos. E' delles que depende não só a expedição do trabalho, mas o bom acabamento e a barateza da obra. Os artefactos da industria manufactora nunca teriam subido ao grão de perfeição, em que hoje se encontram, se a *mechanica* não viesse auxiliar as artes fabris com esses pasmosos machinismos que são um feliz resultado das elevadas concepções da sciencia, e uma das maravilhas da actual civilisação. Esses machinismos perennes e uniformes na sua acção, harmonicos e certos no seu jogo, expeditos e perfectos no seu trabalho são a origem da immensa variedade, da perfeição, e da barateza dos modernos artefactos.

681.º A agricultura existiu n'um estado profundamente estacionario, em quanto os instrumentos agrarios conservaram a rudeza e a imperfeição dos tempos primitivos. E inda hoje um dos obstaculos que mais retarda os seus progressos é a repugnancia que geralmente existe em adoptar os instrumentos e as machinas de cultura mais aperfeçoadas. Esta repugnancia, que existe mais ou menos em todos os paizes, é quasi invencivel no nosso. As tradições e os habitos antigos podem mais neste ponto do que as lições e os desenganos da experiencia: mas se a industria fabril tivesse reagido contra a introdução das machinas e processos modernos do mesmo modo que a industria agricola por certo que não teria a primeira alcançado o grão de desenvolvimento em que hoje a vemos.

682.º E' mister por tanto que os nossos agricultores meditem neste objecto com a maior reflexão, e que considerem que da boa escolha dos instrumentos agrarios depende o bom fabrico das suas terras e o feliz resultado das operações em que elles se empregam — e que desta escolha lhes ha-de por consequencia provir a qualidade a quantidade e o valor dos seus productos. De modo que se empregarem instrumentos ronceiros e malprestadios, e os seus visinhos pelo contrario tiverem o bom juizo de adoptar outros melhoes e mais expeditos, já não lhes será possivel concor-

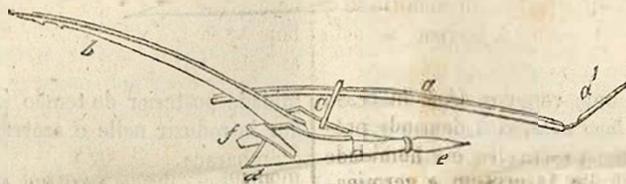
rer com elles, porque como tem de produzir mais caro, não poderão vender por egual preço, e vêr-se-hão por fim arruinados.

683.º E' preciso que reflectam que um bom arado ou uma boa charrua, faz em certos terreos mais e melhor obra n'uma manhã do que os seus arados ordinarios n'um dia inteiro; e que um extirpador cobre tres vezes mais semente do que o arado; e finalmente que uma enchada de cavallo faz só por si o serviço de muitas enchadas de mão ao mesmo tempo.

684.º Em vista pois da importancia deste objecto nós daremos aqui uma idéa posto que succinta de algumas machinas e instrumentos de cultura, que mais convem conhecer.

Arado.

685.º O arado foi provavelmente o primeiro instrumento aratorio conhecido. Os gregos e os romanos trouxeram-o do Egypto onde a agricultura era já nesses



A *rahiça* que costuma ter 6 pés de comprimento pouco mais ou menos é representada por (b). A sua extremidade posterior é a que o lavrador segura no acto de romper a terra; a extremidade anterior ou a base, essa vai encavar-se no *dente* (d) que é terminado pela *relha* ou ferro do arado (e) que se assimilha á ponta de uma lança. Uma vez do dente, outras vezes da proximidade da base da *rahiça* parte uma especie de pequeno madeiro (a) que se denomina *temão*: esta peça terá obra de seis pés de comprimento, e apresenta na sua extremidade anterior a lança (a') que deve prender o arado á *canga*, a que se juntam os animaes que devem puxal-o. Quando não existe lança o *temão* tem oito pés de comprimento, como acontece nos nossos arados. O *temão* está unido ao dente por meio do *teiró* (c) que serve até um certo ponto de temperar o arado, regulando a profundidade que se quer dár ao sulco. De cada lado do dente, no ponto de inserção da *relha* se entalham duas *orelhas* (f) que se chamam *ai-vocas*, e que divergindo de baixo para cima, e de diante para traz servem de virar a terra para os lados, e de alargar o sulco tornando-o triangular.

687.º O arado de *Roville* ou de *Dombasle* deve ser collocado entre as charruas simples mais aperfeiçoadas que hoje se conhecem. Este precioso arado é uma feliz modificação da *charrua* ou *araveça belga*: nas mãos de um lavrador intelligente e habituado a dirigil-a é quasi sempre preferivel ás charruas compostas de jgo

tempos uma arte antiquissima. Na sua primitiva simplicidade esta machina não era mais do que uma vara terminada por um largo gaúcho de ferro, que rompia com uma das suas extremidades a terra, e era governado pela ontra.

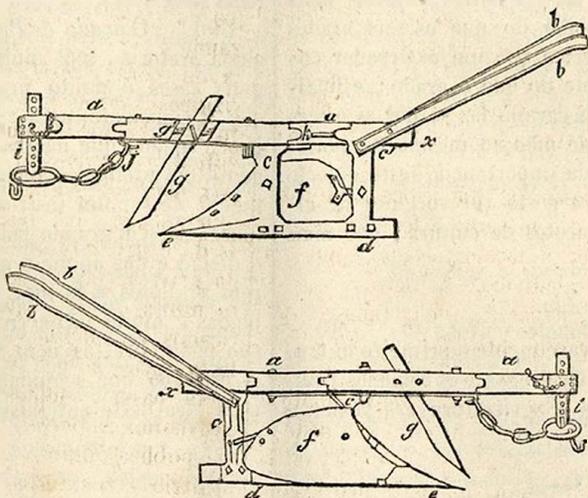
686.º O arado de *Provença* é ainda a mesma machina aratoria, mas muito mais aperfeiçoada. Em alguns casos é muito proprio para certas culturas — elle é sufficiente para romper os terrenos leves e de pouco fundo, que não carecem de grande divisão nem admittem profundos amanhos; e tem além disto a vantagem de ser um instrumento simples e barato, que funciona sem grande fadiga por parte do lavrador que o dirige e dos animaes que o tiram. Nos terrenos porém argilosos e fortes, ou nas terras pingues e profundas é muito inconveniente o seu emprego, porque não pôde obral-as nem amabal-as convenientemente. A estampa que seguidamente apresentamos pôde dár uma idéa deste antiquissimo instrumento.

dianteiro. E na verdade este arado demandando menos força de tracção do que aquellas charruas, lava tanto e tão bem como ellas occasionando menos fadiga não só ao lavrador encarregado de dirigir a sua marcha, mas tambem aos animaes destinados a movel-o. As charruas de jgo dianteiro só pôdem ser preferidas pela circumstancia de ser mais certo o seu trabalho, e mais facil a sua conducção; porque é indubitavel que a direcção do arado ou charrua simples do *Dombasle* demanda mais cuidado e intelligencia da parte do lavrador do que a charrua composta, e n'umas mãos menos exercitadas perderia uma parte das suas vantagens. O arado ou charrua de *Dombasle* é pois uma machina aratoria tão preciosa e tão digna de se generalisar que não podemos deixar de a recommendar aos nossos agricultores como um meio tão simples como poderoso de aperfeiçoar as suas culturas. Felizmente este arado começa a ser conhecido e apreciado em varios pontos do reino, e principalmente no *Alemeijo* e *Borda d'Agua*.

688.º E' particularmente nas lavras profundas que elle desenvolve todas as suas vantagens: e com effeito elle pôde penetrar até 7 e 8 pollegadas no solo revirando e dividindo perfeitamente uma tão espessa leiva, sem que seja preciso augmentar os animaes de tiro. As terras argilosas e tenazes são por elle rompidas com grande facilidade; e as pedras por muito numerosas que sejam no solo não fazem obstaculo algum á

sua marcha. Para muitos arroteamentos de alguns terrenos incultos é um instrumento efficacissimo e hoje geralmente usado. Nós vamos pois descrevel-o, e fazel-o, conhecer dos nossos agricultores.

689.º As duas figuras que apresentamos deixam vêr o instrumento de perfil do lado direito e esquerdo em relação ao lavrador; ou do lado da aiveca, e do seu lado opposto.



690.º O *temão* (aa) é uma verga quadrangular de madeira tenaz e rija. Na face externa da extremidade posterior do temão encaixam-se duas rabiças (bb) que formam com elle um angulo de 140 graus pouco mais ou menos.

Partem do lado posterior do temão dois *teirós* de ferro coado (cc) que servem de o ligar fortemente a dente.

O *dente* (d) é uma peça de ferro egualmente coado parallela ao temão e perpendicular aos teirós: esta peça serve de apoio e de encaixe á relha.

A *relha* ou *ferro do arado* (e) é uma peça de ferro plano pela parte de baixo com um veio longitudinal pela parte de cima, e terminada em ponta pela parte de diante.

A *sega* (g) é um cutello de ferro, cujo cabo encaixa n'um buraco tambem de ferro, e é ahi apertado por um parafuso de pressão.

A *aiveca* (f) é uma lamina de ferro coado em forma de orelha que se encosta inferiormente sobre a relha e superiormente sobre o teiró dianteiro, e serve para revirar a leiva cortada pela sega, e levantada pela relha.

O regulador (i) com a sua cadea (j) vai prender a um gancho que se acha na parte inferior do temão, o seu fim é fazer penetrar a relha mais ou menos profundamente pela terra conforme se deseja um lavor mais ou menos profundo.

Acha-se fixado em um dos lados do temão um *anel* (k) em que se enfia o prumo maior do *trenó* que serve de sustentar o arado na sua natural posição quando se transporta para o campo.

Ha um furo aberto perpendicularmente na extre-

midade posterior do temão (x) que serve para o lavrador introduzir nelle o azorrague nas occasiões em que o embarça.

Eis aqui pois o arado ou charrua de *Dombasle* que se acha hoje um pouco aperfeiçoada como adiante faremos conhecer.

José Maria Grande.
(Continua.)

ALGUMAS OBSERVAÇÕES Á CERCA DO PARECER LIDO Á JUNTA GERAL DO DISTRICTO DE LISBOA PELO RELATOR DA COMMISSÃO NOMEADA PARA EXAMINAR O RELATORIO DO GOVERNADOR CIVIL.

Um dos erros mais fataes da administração publica, um dos seus vicios radicaes que mais impedem o melhoramento e progresso das instituições, é sem nenhuma duvida o descuido imperdoavel com que ella deixa no esquecimento os dados que mais interessam a estatistica, os factos que mais importam ao estudo das sciencias sociaes.

Empregados collocados nas situações mais vantajosas para colligir documentos, para esclarecer as questões administrativas pela experiencia propria, mostram uma indifferença completa para essas questões, não sabem ou não querem prestar-lhe a attenção que ellas merecem. Daqui resulta que quasi todas as medidas importantes entre nós são por desgraça tomadas arbitrariamente; tendo por fundamento razões, que podem não ser em todo o ponto exactas, em vez de terem factos provados; levando por fim remediar males de que se

que não conhece toda a extensão, de que se não podem averiguar as causas primordiales.

A falta de interesse que em geral se tem em Portugal pela estatística, o modo pouco zeloso porque são levadas à execução as medidas mais salutaras, a incuria com que os empregados administrativos colligem e coordenam os documentos que interessam a publica utilidade, tudo nasce da ignorancia desses empregados; resultado inevitavel de se não lhes exigirem habilitações, de se lhes pagarem miseravelmente os seus serviços.

É esta a primeira questão de que se occupa a commissão no seu parecer; e com razão o fez ella assim, porque esta questão é de si tão importante, que, a nosso vêr, a ella se prendem todas as outras.

É indubitavel que o parecer de que tratamos é deficiente em muitas, na maior parte das suas idéas; — a propria commissão o confessa — os pontos mais vitiaes são tocados com uma ligeireza que deixa muito a desejar, porém deste gravissimo defeito não pôde a commissão ser accusada. A culpa não é della, é da administração: sem dados, sem elementos não é possível tratar com a necessaria clareza e segurança os pontos mais difficeis das sciencias moraes e politicas.

Estamos pois de acordo com a commissão em todas as reflexões que ella faz ácerca dos inconvenientes que resultam de se entregarem os logares de administradores de concelho a individuos que para isso não possuem nem instrução, nem zelo, nem capacidade (nós respeitamos as excepções honrosas); e fazemos tambem votos para que o governo alargue mais as proporções de cada concelho, não só no districto de Lisboa mas em muitos outros districtos; para que faça uma escolha prudente dos seus empregados, e torne a sua dotação mais proporcionada á importancia das funcções publicas que elles exercem.

Em quanto a administração do paiz se não organizar sobre bases largas, em quanto se não dêr aos logares administrativos a importancia que elles merecem, e se não fizer do paiz um estudo serio, fundado sobre dados estatísticos, documentos, e inqueritos, não é possível remediar a maior parte dos males que consomem e definham a riqueza publica; não é possível substituir ás instituições viciosas outras que o não sejam; nem dêr incremento á industria, á instrução publica, e ao credito.

Todos os objectos de interesse geral n'uma nação, estão ligados mais ou menos intimamente com a administração; quando esta é organicamente defeituosa o progresso é impossível, a vida social está necessariamente paralisada.

No objecto de que a commissão se occupa no seu parecer, immediatamente depois daquelle de que acabamos de fallar, conhece-se logo a verdade das nossas observações. O modo porque a commissão trata a questão dos expostos é tão incompleta, deixa a verdade tão involvida de trevas, que não é possível de-

terminar quel a extensão do mal, e ainda menos qual o remedio que convenha applicar-lhe.

Dos dados de que a commissão podia dispôr concluiu ella para o districto de Lisboa, mas de uma maneira duvidosa, « 1.º que a mortalidade dos expostos neste districto foi espantosa no anno ultimo, chegando a 52 e terço aproximadamente; 2.º que a falta de rodas n'uns Concelhos grava necessariamente os vizinhos, aonde essa falta não existe, e mais que tudo o de Lisboa, ao qual concorrem (por ser aqui mais difficil a fiscalisação) um grande numero de expostos estranhos ao mesmo Concelho; 3.º que a desastrosa mortalidade, que deplorámos, deriva em grande parte da distancia a que são conduzidos os engeitados, e da privação do necessario agasalho e alimento durante muitas horas e talvez dias; 4.º que os abusos praticados por algumas Camaras Municipaes, em manifesta opposição ao Decreto de 19 de Setembro de 1836, teem passado impunes; 5.º que n'este assumpto de gravissima importancia para a Sociedade e para a moral publica obram algumas Camaras Municipaes a seu arbitrio e sem especie alguma de regra ou saucção que lho embargue.»

Quantas considerações penosas se apresentam ao espirito á vista destas conclusões, ainda que tiradas de dados pouco seguros!

A que riscos se acha exposta a vida fragil desses entes desgraçados, que uma fatalidade tremenda condemna á isolacão, e ao abandono; priva dos carinhos maternos, do agasalho, e do amor da familia! É verdade que mesmo em paizes muito mais adiantados do que o nosso a mortalidade dos expostos é muito maior que a das creanças creadas no seio da familia; porém a proporção entre o numero das exposições e o numero dos mortos não sobe senão em circumstancias excepçionaes á enorme proporção de 52 e um terço por 100.

A irregularidade da distribuição das rodas, a necessidade de transportar entes fracos a grandes distancias para os expôr, são males que demandam prompto remedio; e pertence á Administração escolher, applicar esse remedio, e observar se elle é ou não efficaç.

Fallando dos expostos, a commissão mostra-se indifferente sobre o modo melhor de os receber nos depositos ou misericordias. Depois de ter reconhecido que é este um objecto que merece que delle se occupem os homens eminentes, sobre que se tem feito notaveis experiencias e observações, depois de ter deixado perceber claramente a importancia que tem a existencia ou a supressão das rodas, era do dever da commissão emittir uma opinião sobre o assumpto, ainda que não fosse senão para chamar a elle a attenção publica, e preparar os espiritos para uma reforma util, indispensavel talvez.

A existencia dos hospicios de engeitados, segundo a experiencia o tem provado, dá necessariamente ori-

gem a graves abusos. E' este o inconveniente que acompanha sempre o exercicio da caridade, quando ella é praticada pela sociedade, e não pelos individuos; porque a sociedade não póde sempre fiscalisar a applicação dos soccorros que ministra. E por isso os effeitos da caridade são, na maior parte dos casos, mais funestos do que uteis, todas as vezes que a sociedade não exige o trabalho em troco dos soccorros que presta; a caridade publica quando soccorre sem esta condição destroe a providencia, mata a actividade e desmoralisa o pobre. O ouro semeado deste modo dá um fructo fatal; é a miseria que produz.

Estas razões permanecem com a mesma força, quando se applicam ao caso especial dos hospícios de expostos. E' tão prejudicial alimentar a mendicidade, sem exigir dos mendigos a somma de trabalho que elles podem rasoavelmente executar a bem da comunidade, como abrir as portas dos hospícios a todas as creanças desgraçadas, sem exigir das mães o cumprimento dos deveres maternas; todas as vezes que circumstancias excepçionaes se não oppozerem a que ellas cumpram esses deveres.

Para obrigar as mães a conservarem seus filhos, isto é, para diminuir o numero das exposições, tem-se empregado tres methodos principalmente: a troca das creanças de uns hospícios para outros, a supressão das rodas, e a admissão n'um escriptorio especial, que se conserva sempre aberto.

O primeiro methodo foi empregado em França em alguns departamentos; porém os seus inconvenientes são tantos e de tal magnitude, que a administração se deu pressa em o abandonar.

O segundo e o terceiro methodos, que convem applicar simultaneamente, merecem ser estudados com cuidado; e é delles que nós sentimos que a commissão se não occupasse mais largamente. Segundo se vê do *Relatorio ácerca dos infanticidios* de M. Remacle, publicado por ordem do *ministro do interior*, o governo francez começou a adoptar a medida da supressão dos hospícios e das rodas em 1825: porém no intervallo que decorreu entre este anno e o de 1835 apenas em toda a França se supprimiram 26 hospícios, e se fecharam 21 rodas. Só depois desta ultima epocha é que a medida se tornou mais geral: nos tres annos immediatos supprimiram-se 69 hospícios, e fecharam-se 74 rodas; em fim em 1844 apenas existiam naquelle paiz 171 hospícios, e 104 rodas.

A supressão das rodas foi completa em 12 departamentos; 25 ficaram apenas com uma: antes desta medida existiam 8 departamentos privados de rodas, e 14 que apenas tinham uma cada um. De tudo isto resulta, que em Janeiro de 1844, 20 departamentos não tinham rodas, 39 tinham apenas uma, e os 27 restantes possuíam ao todo 65 rodas desegualmente distribuidas.

O resultado immediato da supressão das rodas foi uma consideravel diminuição no numero das creanças

abandonadas. De 35:863 que era em 1831, esse numero baixou, apesar do augmento geral de população, a 26:352, em 1841.

Tres objecções consideraveis se oppozeram desde logo a adopção desta medida: a primeira, foi a supposição de que, a não existencia das rodas se opporia á admissão nos hospícios de algumas creanças que, pelas suas condições, estivessem no caso de ali entrarem. Esta supposição porém, como provou a observação, era infundada: os directores dos hospícios francezes houveram-se com tal prudencia, mostraram uma tal sollicitude de chegar á verdade, que nenhuma creança nas circumstancias de entrar nos hospícios, ficou excluida; ao mesmo tempo que foram reprimidos consideraveis abusos.

Disse-se tambem que a supressão das rodas daria em resultado o haver maior numero de exposições na via publica; mas neste caso ainda os factos demonstraram que os receios dos philantropos eram infundados.

A ultima e mais importante objecção que se apresentou contra a medida da supressão das rodas foi a seguinte: assegurou-se que ella produziria no numero dos infanticidios um augmento inevitavel. Foi esta objecção que os defensores da medida em França buscarem antes de tudo refutar.

Para isto empregou-se toda a especie de argumento; invocaram-se as sciencias, a auctoridade dos economistas, dos moralistas, dos medicos; em fim procurou-se dár uma explicação philosophica do infanticidio, e descortinar quaes são as causas intimas que podem levar uma mãe a perpetrar um crime tão atroz. Uns attribuiram o infanticidio á vergonha, ao medo da deshousa; outros attribuiram-no á dureza de coração e ao amor da independencia; outros á miseria; mas todos concordaram que esse acto cruel era perpetrado debaixo da influencia de um delirio febril.

Afirmou-se em fim que os factos provavam que o numero dos infanticidios, em relação á população geral, era o mesmo nos departamentos em que as rodas não existiam, e nas provincias da Belgica que se achavam em identicas circumstancias, do que no resto da França.

Foi M. Remacle, no livro que acima citámos, quem mais particularmente se occupou deste objecto debaixo do ponto de vista estatistico. No trabalho de M. Remacle os departamentos da França acham-se divididos em quatro cathogorias:

1.^a 52 departamentos em que foram supprimidos alguns hospícios, e algumas rodas fechadas:

2.^a 23 departamentos em que se não tomou medida alguma deste genero:

3.^a 8 departamentos em que nunca houve rodas:

4.^a 3 departamentos só que, não tendo tido nunca rodas, as estabeleceram ou lhe augmentaram o numero.

M. Remacle toma para as suas observações 19 annos a contar de 1825; e acha que o numero dos in-

infanticidios neste periodo cresceu consideravelmente. Restava porém vêr se este augmento desastroso era resultado da medida tomada pela administração, ou de alguma outra cousa extranha a essa medida: é disso que M. Remacle se occupa na segunda parte da sua obra.

Segundo os seus calculos, depois da suppressão das rodas, o acrescimo medio no numero dos infanticidios, em relação á epoca anterior a essa suppressão, foi como se segue:

Departamentos que nunca tiveram rodas	0,23
» que as supprimiram	0,42
» que ficaram estacionarios	0,44
» que as estabeleceram de novo	0,61

« Quer dizer, diz M. Remacle, que nos logares onde deviamos naturalmente encontrar uma diminuição, se fosse verdade que as rodas d'exposição prevenissem os infanticidios, achamos o maior augmento que existe nas quatro cathogorias de departamentos. »

Os calculos porém deste escriptor não são dignos de fé, porque elle não seguiu em todos os seus quadros as verdadeiras regras da estatística; umas vezes tomou periodos demasiadamente curtos, outras procurou differenças de numeros em vez de relações, em fim os seus resultados, como o provou M. Rapet são exactamente o inverso do que deviam ser.

Segundo os novos calculos deste consciencioso economista, o augmento medio annual dos infanticidios no periodo posterior á medida da suppressão, é:

Departamentos que nunca tiveram rodas	0,18
» que ficaram estacionarios	0,39
» que as supprimiram	0,59

M. Rapet não se occupa dos departamentos que abriram de novo rodas; porque estes sendo em mui pequeno numero, — tres apenas — não podiam dar resultados sufficientemente exactos; isto é, resultados em que a influencia das circumstancias accidentaes se ache atenuada por compensações successivas.

Porém mesmo depois de ter chegado a resultados oppostos áquelles que achou M. Remacle, M. Rapet, vota pela suppressão das rodas: porque, diz elle « Se os resultados são positivos, e perfeitamente de accordo uns com os outros. E' com tudo necessario não lhe exaggerar a importancia.

« O augmento relativo não é tal que se deva revogar a medida tomada. Não se deve cuidar em restabelecer as rodas nas localidades onde se chegou a fechalas, apezar das difficuldades que se podiam apresentar na occasião desta suppressão. Mas talvez seja necessario não apressar a applicação de uma medida tal em todos os departamentos onde ella não foi nunca executada, nem estendel-a a todos aquelles em que ella tem já sido applicada em parte. »

E mais adiante, M. Rapet continua deste modo « De certo a moral tem direito de se aligir por vêr este numero de infanticidios ajuntar-se cada anno ao orçamento do crime. Mas a moral não deveria por ou-

tra parte felicitar-se pela suppressão das rodas? Se o abandono de uma creança por paes assaz duros de coração para desconhecer o mais doce e o mais sagrado dos deveres, não é um crime tão odioso como o infanticidio, não deixa por isso de ser um delicto que a moral deve reprovar. Ora assim como nós o temos constatado acima, a medida da suppressão das rodas salva agora do abandono mais de 9:500 creanças por anno. São pois 9:500 creanças a quem ella conserva cada anno uma familia; são 9:500 delictos que são poupados áquelles que os teriam commettido.

« E a humanidade não deve tambem felicitar-se com isto? E' sabido de todos quanto é horrivel a mortalidade nos engeitados. Porque em quanto que para todas as creanças em geral a mortalidade, no primeiro anno da vida, é muito inferior ao quarto, visto que segundo as tabellas de Duvillard, onde ella é muito exaggerada, não é senão de 23, 24 por 100, esta mortalidade, para os engeitados, variando extraordinariamente de uns para outros departamentos, é, termo medio, superior ao duplo da mortalidade ordinaria. Se pois destas 9:500 creanças que a suppressão das rodas faz conservar nas suas familias, 2:000 proxivamente devem alli morrer no primeiro anno, mais de 4:500 morreriam se fossem depostas nos hospicios. E' necessario dizer, é verdade, que as circumstancias no meio das quaes nascem as creanças destinadas a ser abandonadas, augmentam para ellas, mesmo no seio da familia, as probabilidades de morte. Mas não se exaggera dizendo que a suppressão das rodas tem talvez contribuido para salvar cada anno a vida a perto de 2:000 creanças, conservando-lhes os cuidados maternos. »

João d' Andrade Corvo.
(Continua).

A ESCOLA MODERNA LITTERARIA,

VII.

O SR. GARRETT.

Sahiu da penna do auctor de « D. Branca » nestes ultimos tempos uma obra, que mesmo depois de emprehendida por tão vigoroso talento era licito duvidar, que se acabasse. O Livro das « Viagens na minha Terra » tinha de luctar com difficuldades, que a critica julgára insuperaveis. Negava-se ao caracter nacional, mais serio do que espirituoso, mais caustico do que epigrammatico, o poder de animar as scenas quotidianas da vida, e de tocar as paizagens, os costumes e as artes patrias com o pincel rapido e chistoso, que fugindo na tela grava a individualidade de um povo; que esboçando dá alma á natureza, aos sentimentos, e ás idéas.

Além disto á lingua, entrevada tanto tempo nas

clauzuras e nas palestras, faltava ainda a liberdade necessaria. Condemnada a arrastar-se pelas paginas severas dos Tratados Moracs e Theologicos; e a florescer em alguns capitulos mais limados de chronicas monasticas ou de historias vazadas nos moldes latinos, paralisou-se nos exercicios da eloquencia classica. A frase tomou o sabor romano; o periodo alatinou-se; e o pensamento escravo da imitação communicou ao estilo a languidez, que a pompa das palavras mal disfarça, e que as lantijoulas dos trocadilhos affeiam em mais de um escriptor correcto.

O vocabulario de certo enriqueceu; as litteraturas mortas exploraram-se para additar o thesouro patrio; os grandes modelos antigos copiaram-se; porém quem ousaria sustentar que a indole das letras portuguezas se dóma sem violencia á concisão do Tacito, á grandeza estudada de Livio, e á belleza um pouco rethorica de Salustio? Esses translados mesmo comprehendendo as obras de Cicero, que formam uma litteratura inteira, optimos como estudo, eram impotententes para infundir na lingua a animação e a veia original (que no meio de bem poucos o Camões lhe deu) e que é, e ha-de sempre ser o cunho profundo que separa das civilisações mortas a civilisação que está adulta. Quando á renascença greco-romana succedeu uma influencia menos olympica, e mais humana, os poetas e prosadores cinzelando sempre a frase pela medalha antiga variaram mais os modelos. Estava no apogeu a graça inimitavel da escola hespanhola, brilhava em toda a sua gloria a Musa italiana e as suas bellezas eram apreciadas entre nós com fervor. A introdução de muitas palavras de ambas as linguas, as imitações do gosto e dos generos, e até o uso vicioso e vulgar dos conceitos provieram dessa origem. Os escriptos do padre Vieira são a glorificação deste periodo.

D'ahi por diante tudo declina rapidamente. A eloquencia sagrada balbucia; a poesia faz-se presumida e rebombante; e a prosa apparece pueril, incorrecta, e barbara quasi sempre. Debalde Bocage envida todas as posses do seu genio e a harmonia do metro; vencedor em todos os pontos, onde lucta como Vate, nem sempre naquelles onde o improvisador desvaira a imaginação, a sua lucta e a de poucos engenhos escolhidos não poderam cortar a corrente. Passou por cima delles a onda, e veiu depositar os limos infecundos na terra encharcada, em que grasnavam as rãs do Parnaso, tantas vezes punidas pela Nemésis do traductor de Ovidio e de Castel.

A decadencia foi completa então. As letras corriam as praças profanadas e immundas como a prostituição; a satyra converteu-se em libello; o soneto e a decima pediram esmola, ora coxeando servis como lacaios, ora extasiando-se impuros e infames como as orgias onde viam a luz. A escola antiga expirava blasfemando de Deus e dos homens nas trevas do atheismo intellectual, rodada viva pelo padre Macedo e, apupada nas esquinas pelos pregões de José Daniel. Depois de

negar o genio de Camões morria na enxerga da miseria!

Neste estado a acharam os primeiros escriptos do Sr. Garrett. Os esforços do velho Filynto tinham excedido o alvo como succede a todas as reacções; e a propria versão de *Oberon*, o primor dos seus escriptos, revê ainda de mais a côr latina. Francisco Manuel por odio aos rebocadores de frases galicanas metteu-se no beaterio dos puristas romanos. De orthodoxo passou a fanatico. Inverteu e transpoz o periodo; assoprou o esqueleto das Mumias da epoca de Augusto, e tentou o impossivel, concedendo-lhes os foros da cidade moderna, e querendo dar-lhes vida depois de mortas. Deve-lhe a lingua muito quanto á pureza e á correção. Quanto á originalidade e á individualidade pouco ou quasi nada. A sua influencia reduziu-se a uma restauração retrospectiva; o seu reviramento foi todo retrogado. Condemnou o presente em nome do passado, mas não previu o futuro.

É esta differença essencial, a que constitue a gloria do Sr. Garrett. Tão severo no principio como Filynto defendeu na estacada a castidade da lingua, adoptando os mandamentos do velho traductor de Lucano. Depois, apenas ferido o alvo, converteu todo o vigor do ingenho contra os aduladores do passado, cathecumenos da Oratoria Latina, e contra os manipuladores de Sextinas e Acrosticos delambidos. Offereceu-lhes batalha campal em *D. Branca* e no *Camões* como a offerecêra aos « gallo-Luzos » no *Catão*. A victoria tecceu-lhe uma corôa que será eterna, e abriu á nova era as portas de uma carreira que já está allumiada pela aurora do futuro.

Mas do poema historico á creação da lingua em todos os generos vai infinita distancia. As admiraveis estrophes da solidão cantadas em « Amor e Melancolia » pelo Sr. Castilho; os « Ciumes do Bardo » em que elle subiu á altura de Byron, pintando as tempestades da alma, que se abisma na paixão; e a formosa e inimitavel chácara da Nazareth, onde reproduz as crenças do povo ornadas de um véu singello todo graça, vieram alargar ainda os dominios da lingua e provar como ella é facil em se prestar a tudo, quando o ingenho que a usa sabe conhecê-la, e empregal-a.

Mais rígido e dominado pela mesma idéa, que se-duziu Filynto, o Sr. Castilho nas outras paginas escriptas em prosa, applicou-se a restaurar o periodo classico da linguagem. Repassou-se do estilo de Bernardes e de Fr. Luiz de Sousa talvez de mais, e ajudando-se da sua copiosa leitura e erudicção para purificar a frase e o periodo tentou o impossivel a nosso vêr. Quiz voltar atraz, e fazer ali uma pausa antes de proseguir na jornada. Debalde! Nem o homem nem as idéas páram; e a lingua, que não é mais do que a interprete do pensamento, não pôde colher de um sepulchro mais do que a sabedoria da historia. A vida, o impulso, e a veia, essas só lhas dá o seculo, que

tudo arrasta apoz si, e a civilisação que imprime o seu cunho no que passa.

Em outro pólo tambem poeta, mas poeta critico; tambem romancista philosopho e mais que tudo historiador, o Sr. Herculano, fundando no *Panorama* uma reputação, que não cessou de augmentar tem sido um dos homens que mais additou a lingua, e melhor a soube dobrar ás exigencia dos generos modernos, e ao rigor da severidade philosophica. Na *Harpa da Crente* o seu verso retine como aço vingando a fê, e punindo o riso da incredulidade. Nas chronicas-romances, resuscitando epochas e figuras mortas, obrigou a prosa a elevar-se ao estillo poetico, e a frase a gravar a imagem pittoresca, que lhe esculpia. No *Eurico* forçou-a a subir á grandeza da epopea; no *Monge de Cister* a amoldar-se a todas as familiaridades da vida, e a rever todas as phases da paixão e do sentimento. Finalmente na Historia de Portugal, monumento de critica e observação, a lingua escrava do seu pensamento curva-se obediente ou elle a leve ás regiões da moderna escola alemã, ou a applique á discussão ardua dos problemas sociaes. Na poesia ou no severo lavor historico, no meio do seu thesouro, o Sr. Herculano acha sempre veias inexgotaveis para as fazer manar á sua voz.

E entre tanto, mesmo depois de tudo isto, a difficuldade de compor um *Livro das Viagens* uão tinha diminuido. Uma cousa é assentar o estillo, a côr do genero repousada e longamente; outra é vaguear como a abelha por cima das flores, pousar aqui e fugir acolá; além demorar-se a libar no calix de uma roza; allí desviar-se dos espinhos daquelle arbusto. Uma cousa é concentrar a idéa n'um ponto e vestil-a de fórmãs esbeltas e naturaes; outra é correr n'um instante toda a gradação das côres; e de relance cunhar com força e com verdade a phisionomia do povo e dos costumes; as paizagens e a natureza; o sentir moral; a philosophia da vida; e a critica do passado na arte e nas instituições! Que rara flexibilidade de talento não exige esta empreza? Que tacto de pincel, e que firmeza e concisão precisa ter o escriptor para não dár luz ou escuro de mais, para evitar a *caricatura*, e para afinar todos os quadros desta grande scena? E' quasi realisar o sonho do Bispo de Hypona: — é metter o mar na concha de um molusco.

O Sr. *Garrett* tinha de luctar pois com o assumpto já de si arduo de vencer, e com a resistencia da lingua. Não contente com estas difficuldades foi elle proprio desafiar a terceira, a peor de todas; mettendo no quadro a novella da actualidade. De Lisboa a Santarem o poeta nem um instante deixa de ser ou instructivo ou agradável em dois volumes grossos. O espaço parecia pequeno? Não importa! A imaginação que tem azas para rodear o universo saberá enche-lo de modo que os olhos do espirito se deleitem sempre. Na jornada são raros os monumentos, em que o romeiro pôde fazer estacção? Que tem isso! Elle saberá

na falta do passado avivar o presente, e dar-lhe a vida da poesia.

Cada pagina será nova em relação á anterior. As digressões espirituosas e ironicas formaram um arabesco phantastico em volta das illuminuras principaes. A descripção do actual irá de par com a allusão politica ou litteraria; a erudicção classica com a critica moderna; a observação fina com o retrato de um homem, ou o esboço de um sitio. As scenas variam sem cessar; as mutações repetem-se; os ditos chistosos, as reflexões inopinadas, o *homour* como dizem os inglezes ou a *graça* segundo os portuguezes, serão inexgotaveis. O auctor ri sem fel e conta sem presumpção. Viaja sem espelho e sem vocabulario portatil.

Aqui é a estalagem da Azambuja? O lapis de Cail-lard servir-lhe-ha para desenhlar a bruxa, o cerbero femea desta espelunca-modello. Allí é o *café* aristocratico do Cartaxo? A pallela ministrar-lhe-ha as cores de Leopoldo Roberto; e a grande sombra de Walter Scott passando por elle, sorrindo, lhe segredará ao ouvido o famoso dialogo sobre o Allageme. O vapor da companhia coxea na onda do Tejo e os campinos pelejam com os homens de forcado á volta da tourada? O poeta como Beranger ha-de fazer-se economista e decidirá o pleito com uma interrogação? « Quem tem mais força é o mar ou um touro? » As lezirias venceram! E' o mar. Depois, no meio de tudo isto calhimos nos Elizios, e achamo-nos desfronte da veneravel e tremenda cabelleira do Marquez de Pombal, que joga com Pitt o seu jogo cuberto. Para que mandou V. Ex.^a arrancar as vinhas do Riba Tejo? pergunta o auctor: — « Quem havia de beber tanto vinho? » responde o ministro. A visão passa, mas a penuria agricola está explicada.

Quem descreveu melhor a reacção continua que agita este seculo mais questionador do que sceptico, menos revolucionario na acção do que na eloquencia? Não resaehe toda a sua phisionomia da recordação dos dois typos eternos de Cervantes — Sancho e D. Quixote — o material e o espirital? Quando a idéa se faz homem e combate por um direito escarnecido, por uma verdade negada, e a apupam, e a enganam ou a sofismam não é D. Quixote, o espirito, que sonhando uma regeneração ainda distante a crê já consumada, e é victima da sua illusão tratado de louco por todos?

Quando a sociedade corre atraz das commodidades phisicas, formula em regras a conveniencia, e individualisa os principios e os systems não será Sancho, que servindo o espirito sem o entender bem, rindo-se d'elle mesmo ás vezes, o aproveita com tudo para tomar posse da Barataria? A glorificação do ventre sobre a cabeça, a pratica da theoria utilitaria mais ou menos sordida, mais ou menos habil, não caminha hombro a hombro com todas as reformas, não incarna o seu verbo em todas as idéas?

Que philosophia tão profunda a deste parallelo; que observação tão sagaz a que o auctor das *Viagens* applica

neste exemplo já usado em menos lato sentido por uma escola alemã?! Como aqui o riso acera a verdade, como seria facil convertel-o em triste reflexão, se arregaçando o véu ao futuro ousassemos olhar fitos para elle!

Ha no « Livro das Viagens » capitulos que não se escrevem duas vezes; O dos Barões é um exemplo. Ha outros em que na critica menos offensiva e mais jovial, e começando por si, o poeta disciplina os desvios da litteratura moça, que doudeja, e enumera os frades que entraram nos quadros das suas obras, ou descreve a mechanica usual dos dramas e romances originaes, recortados sobre os modellos estrangeiros e collados no papel com a maior exactidão. Algumas vezes, á vista de um monumento profanado, de uma barbaridade municipal, esta bocca que sorri tão agradável, abre-se serena e pronuncia imprecações sublimes dignas da satyra pungente de Pope ou de Lord Byron.

Que admiravel painel de familia e de costumes que é a historia da « Menina dos Rouxinoes. » A velha cega e resignada que fia á porta ao descalhir da tarde no valle de Santarem; o vulto rispido e austero do guardião dos Franciscanos; a innocencia de Joanninha; o character de Carlos; o grupo das tres graças inglezas; o amor excentrico e sensível de Georgina — todas estas creações tão humanas e verosimcis, tão poeticas e tão reacs em tudo; todas estas paixões que choram e pelem, ligadas por um crime, por um destino fatal entre si; são de uma verdade, de uma belleza adoravel.

Nem uma vez se erra a linguagem do coração; nem uma unica os personagens mentem a si ou á paixão que os anima. A lingua, sem resistir, doma-se, curva-se, faz-se flexível e transparente para corar os mais delicados sentimentos, para traduzir os ditos mais finos e apropriados. O romance da actualidade brilha em todas as gallas do estillo, com o dialogo portuguez tão arduo de cunhar, com a descripção das figuras e dos locaes feita em rigor sobre modellos que parecem vivos, tirada de sitios que renascem e se conhecem na tela do romancista. O Sr. Garrett para tudo achou frases, palavras, e estillo. A abundancia tempera-se com uma sobriedade reflectida; as côres graduam-se com infinito tacto da arte e da lei dos contrastes; a poesia e a philosophia unidas como irmãs abraçam-se e amenizam-se reciprocamente.

Sterne escreveu uma *viagem sentimental*; Xavier de Maistre uma *viagem á roda do seu aposento*; e Goethe um livro que intitulou *Poesia e Realidade da sua vida*. Na obra do Sr. Garrett ha bellezas rivacs das de todos elles; — ha de mais o interesse de uma novella de paixão. Quem escreveu as « Viagens » podia deixar de ser o auctor de D. Branca e de Camões, o poeta de Gil Vicente e Fr. Luiz de Sousa, o livro que apreciamos basta, sobeja para lhe assignar distincto logar. Esta phantasia mais verdadeira do que muitas

historias — mais profunda e analytica na sua fôrma ri-sonha, do que muitas obras abstruzas de moral opiada, e de sciencia pedante, só a podia escrever um engenho superior. Mas era possivel escrevel-a sem reinar egualmente sobre a prosa e sobre o metro, sem versar com mão experimentada todos os segredos do estillo e da composição? De certo não. A lingua não se possui assim e a imaginação não se dirige com uma liberdade tão desafogada e serena, senão quando se tocou na vida da arte o periodo da perfeição, e no da critica o da reflexão e do gosto.

L. A. Rebello da Silva.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

CASAR OU METTER FREIRA

PROVERBIO EM UM ACTO.

(Continuado do n.º 26.)

A MARQUEZA.

O commẽdador deve ligar-se comigo . . . E' necessario que eu pague . . . que eu finja pagar as dividas com o dinheiro do barão! . . . Devo casar com elle . . . bem sei que é quasi um rapto . . . sem as penas da ordenação!

O CONSELHEIRO.

E' pouco ainda! Ha-de dotar sua sobrinha . . . tornal-a um bom partido . . . se eu morro d'amores por ella!

A MARQUEZA.

Ora essa! conselheiro! . . . Mais um desengano. As coalisões são sempre assim . . . nunca desinteressadas!

O CONSELHEIRO.

Falla como um livro, como um artigo de fundo, como um discurso da extrema direita, e como um apoiado bem do centro! Marqueza — tenho vinte e seis annos . . . (com intenção) elle! que não erro a conta da idade? . . . tenho uma carta de conselho, que não me rende nada, e uma mezada do meu irmão mais velho que me rende ainda menos! . . . No seculo 19 não se pôde viver com isto só!

A MARQUEZA.

Mas como ha-de ser? (*ouvem-se passos*) E' de certo o barão . . . vou para o meu gabinete . . . fique só com elle . . . persuada-o . . . faça-lhe a corte por mim . . . case até com elle . . . Dou-lhe procuração lastante. (*Vai-se.*)

SCENA IV.

O CONSELHEIRO só.

Hem! que tal? . . . fazer a corte a um barão? . . . (*apalpando as algibeiras*) Sem dinheiro . . . E a sobrinha? . . . Deveras, não desgosto da sobrinha . . . lá vou arrisear esta fazenda pela sobrinha! . . . vou tudo! tudo!

(*Recordando-se*) Mas como hei-de começar? . . . Dei no vinte! . . . Tenho minha quèda para a diplomacia . . . tambem todos caem para lá . . . Basta saber dançar, vestir, fazer cortezias, e escrever . . . em delicado *cursivo*! — Mas tambem conquistar um barão é mais ainda do que redigir um *protocollo*, fazer um tratado de nupcias, e amarrotar a carta da Europa . . . sem saber geographia . . . como aquelle bom *Lord Castlereagh*. . . e outros *lords* referidos no novo methodo! Alii vem elle! A postos!

SCENA V.

O BARÃO, o CONSELHEIRO.

O CONSELHEIRO *recostado n'um sophá, com ar de importancia lendo, o livro que a Marquessa deixou.*

O BARÃO.

Senhor Conselheiro? . . .

O CONSELHEIRO.

Ah! está ali barão! Que noticias ha? . . .

O BARÃO.

Não sei . . . nada sei.

O CONSELHEIRO.

Pois o barão não sabe o que ha de novo?

O BARÃO.

Julga por ventura que eu dei agora em traductor de folhas! . . .

O CONSELHEIRO.

Um socio do *club* tem obrigação de estar em dia com as folhas do paquete.

O BARÃO.

(*Recuando*) Ainda não fui hoje ao *club* Tenho sempre tanto que fazer! . . .

O CONSELHEIRO.

E' exactamente o que me dizia o ministro ha poucas horas . . . Aquelle barão tem tanto que fazer . . .

O BARÃO.

(*Admirado*) Pois esteve com o ministro? (*sentando-se*) Fallou-lhe de mim?

O CONSELHEIRO.

Que admiração é essa? O ministro é muito meu amigo! . . . Fomos condiscipulos!

O BARÃO.

(*chegando a cadeira*) Condiscipulos? . . . Então tem muita confiança com elle?

O CONSELHEIRO.

Se tenho? Amigos de tu! E tanta, que me consulta ás vezes!

O BARÃO.

Consulta-o! o ministro consulta-o! . . . (*offerecendo-lhe a mão*) Eu sempre dizia que este conselheiro tinha uma grande cabeça!

O CONSELHEIRO.

Parece-lhe isso, barão? . . . E' favor que me quer fazer.

O BARÃO.

E o que lhe disse o ministro a meu respeito?

O CONSELHEIRO.

Disse-me . . . Fallando-se em casamentos . . . Um ministro tambem ás vezes se occupa dos sacramentos da igreja . . . A proposito, conselheiro, disse elle: conheces o barão? . . . Se conheço — encontro-o muito em casa da prima marquessa . . . — E' isso! é isso! vieram dizer-me que casava com ella? — Enganam-te, respondi eu — um homem moço, com quarenta annos, rico, um financeiro de mão cheia não casava com uma pessoa já entrada em annos . . . E' o que te digo! redarguiu elle. E se fôr assim, como se trata de ligar um cavalheiro distincto com uma das senhoras da mais velha aristocracia, é necessario fazer justiça ao seu merecimento . . . e conceder ao barão o titulo de visconde . . . mesmo de conde! Casar com uma marquessa! . . .

O BARÃO.

(*Com um grito de alegria*) Visconde, conde! O ministro disse isso! Que grande ministro, é um novo marquez de Pombal, é o anjo tutelar da nossa terra! E o que respondeu?

O CONSELHEIRO.

(*Com ar conpungido*) O barão é desinteressado! não são as vaidades do mundo que o enlevam! Basta-lhe a sua reputação (*á parte*) de usurario! (*alto*) para o tornar bemquisto de todos! . . . (*á parte*) menos dos que rebatem!

O BARÃO.

(*Com despeito*) Disse bem! disse bem! mas acha que um barão não tem direito de aspirar a conde? . . . Os titulos nada significam, tanto vale um como outro!

O CONSELHEIRO.

Falla pela minha bocca, barão. Disse-lhe isso mesmo. Elle, aqui entre nós, ficou aballado . . . e se casa com a marquessa . . .

O BARÃO.

Faz-me visconde ou conde. E se caso com a sobrinha . . .

O CONSELHEIRO.

Temo muito que não passe de barão.

O BARÃO.

Com o seu valimento, conselheiro? V. Ex.^a é meu amigo?

O CONSELHEIRO.

(*Inclinando-se*) Tenho essa distincta honra! (*pon-*

do-lhe a mão familiarmente no hombro) Quem não ha-de ser amigo deste barão!

O BARÃO.

Pois com franqueza, eu estou apaixonado por D. Ignez! Uns olhos.....

O CONSELHEIRO.

Azues.... Barão, os olhos azues são falsos!

O BARÃO.

Que tem?.... se são bonitos!

O CONSELHEIRO.

Euganam.... com belleza!

O BARÃO.

E tão meigos!....

O CONSELHEIRO.

O barão está namorado.

O BARÃO.

(Confidencialmente) Se estou!.... Até me desconheço! Não como, não bebo, não durmo.... A rapariga dá comigo na cova! Todos abusam da minha situação.... Outro dia rebati por mais dois por cento os ordenados d'uns miseraveis da classe inactiva.... e logo da inactiva, porque o conselheiro bem sabe que é classe que em receber sobre tudo é inactiva!.... Não quiz regatear..... tinha pressa de a vêr! Ninguém daria tanto por aquelles magros recibos.... mas se eu a queria vêr!.... ainda que fosse!... por mais dois por cento!.... *(arrebatao)* Conselheiro, quer arruinar o commercio, acabar as finanças, destruir o equilibrio governamental, engordar esse funcionalismo que nos devora, abater a agiotagem — ancora do estado! — basta um sorriso de mulher!....

O CONSELHEIRO.

Ou uma *capitalisação*. E' assim desde Adão e Eva.

O BARÃO.

Diz bem. Por causa de Eva....

O CONSELHEIRO.

Perdeu-se Adão... e ganharam os seus dois clientes mais dois por cento!... Ambos os casos provam muito a influencia da mulher, e a inconstancia das cousas humanas. *(Com fingida amizade)* Quer um conselho, barão?

O BARÃO.

Estou prompto a ouvir-o.

O CONSELHEIRO.

Case com a marquezia! Tem vinte e sete annos!

O BARÃO.

Dava-lhe mais dez!

O CONSELHEIRO.

Nisso é o barão generoso — pelo que vejo! Tanto melhor, é uma boa dona de casa.....

O BARÃO.

Mas tem a casa empenhada!.....

O CONSELHEIRO.

Que tem isso — desempenha-a, barão!

O BARÃO.

E com tanta usura!....

O CONSELHEIRO

(Com intenção) Ainda têm olhos capazes d'um abatimento de dois por cento!

O BARÃO.

Mas se eu a não amo!...

O CONSELHEIRO.

Pois o barão quer casar?.... por amor! — barão, o casamento convem-lhe... uma senhora de tão alto nascimento.... Fica parente de todo o Portugal!... Sommei-lhe outro dia os primos.... *(baixando a voz)* Tem para cima de trezentos!

O BARÃO.

Será assim.... mas são pobres!

O CONSELHEIRO.

Socegue, barão, não tem que lhe rebater recibos!.... Por exemplo, eu....

O BARÃO.

O conselheiro....

O CONSELHEIRO.

Levava muito em gosto o casamento.... e o meu amigo ministro tambem!

O BARÃO.

(Impertigando-se) O seu.... o nosso amigo ministro!

O CONSELHEIRO.

Entende, barão, a sua mania é ligar as familias nobres....

O BARÃO.

Mas casando eu com a sobrinha.....

O CONSELHEIRO.

Ficava por casar a marquezia.

O BARÃO.

E casando eu com a marquezia.....

O CONSELHEIRO.

Acredite que não fica por casar a sobrinha. Fez dezeseis annos.

O BARÃO.

(Com um suspiro) E' a idade dos anjos!

O CONSELHEIRO.

E' formosa.....

O BARÃO.

(Do mesmo modo) Como um *Huri!*

O CONSELHEIRO.

Bravo! bravo! não o sabia tão forte no alcorão! Comparar uma menina christã com as *huris!*.... O peor, barão, é que ha mouro na costa.....

O BARÃO.

(Alterado) Um rival!

O CONSELHEIRO.

Pois não desconfiava!.....

O BARÃO.

Quem é?

O CONSELHEIRO.

Fallou-me nisso o ministro.... mas é quasi um segredo d'estado!.... Anda a policia no negocio....
Pst! Pst!

O BARÃO.

Pois vou hoje pedil-a á marquezia.

O CONSELHEIRO.

Sem saber quem é o seu rival?

O BARÃO.

Algun *Jan-Ninguem* . . . em quanto eu . . . (*com orgulho*) Sou barão!

O CONSELHEIRO.

E não passa dahi. O ministro é teimoso . . .

O BARÃO.

(*Piscando os olhos*) Saberei abrandal-o! Saberei abrandal-o! . . . ha acções que os penhoram muito . . . que os resolvem a tudo . . . (*á parte*) As que se recebem de graça!

O CONSELHEIRO.

Faz mal . . . o ministro ficará furioso . . . Não me responsabiliso pelas consequencias! . . . E perde até a occasião d'um empréstimo . . . em que elle fallara . . .

O BARÃO.

(*Dando um pullo*) Um empréstimo! . . .

Lopes de Mendonça.

(Continua.)

POESIA.

VOZES INTIMAS.

Que diz o sol, quando em braza
De raios alastra o chão?
Que diz o sol, quando arraza
De estrellas, que o brilho caza,
Das ondas a vastidão?
Que diz o sol nas areas
Das solidões idumeas,
Que escalde o sangue nas véas
Da panthera e do leão?

Que diz a pallida lua,
Sulcando os campos do céu?
Que diz se a face tem nua,
Ou se envolve a fronte sua
De nuvens em denso véu?
Que diz ás vagas a medo?
Que diz ella ao arvoredo?
Que diz, contando um segredo,
A's cruces do mausoleu?

Que diz na ingente cratera,
Bramindo irado, o vulcão?
Que disse lá n'outra era,
Quando a Pompeia fizera
De cinza e lava um montão?

Outr'ora, então, que dizia?
E que diz ainda hoje em dia,
Que diz ao golfo de Ischia,
Que escravo lhe beija o chão?

Que diz a trémula briza,
Soprando n'hastea da flor?
Que diz soprando indecisa
Na vaga, que se deslisa
Com murmurante fragor?
Que diz á flor mais á vaga?
Que lhe diz a flor em paga?
E a onda, que a brisa affaga,
Que diz á brisa e á flor?

Que diz o tronco lascado?
Que diz a flor do jardim?
Que diz a relva do prado?
E o rouxinal namorado,
Cantando cantos sem fim?
Que diz, mortal, quanto viste!?
Que diz tudo quanto existe?
Quanto brilha? quanto é triste?
Quanto Deos ha feito assim?

Diz que o céu adora a terra,
Diz que a brisa adora a flor:
Diz que a paz nasce da guerra:
Diz que a florinha da serra
Tambem adora o Senhor.
Diz que o mundo, em lucta immensa,
Cumpre a voz de uma sentença,
Diz que o mundo canta e pensa
Um doce canto de amor.

A. de Serpa.

CHRONICA.

O anno bisexto de 1848 está já em artigo de morte!

Dizem os chronologos que só lhe restam umas sessenta horas de vida.

Irra excommungado! — lhe bradamos nós com os punhos erguidos e cerrados em fórma de figas — má-raios que te partam, que não levas para a cova do preterito, em que vais soterrar-te, senão maldições e exconjuros!

Sempre és anno, que podendo contar-se as fatalidades que trouxeste ao mundo, pelos dias da tua existencia chronologica, apenas tiveste quatro mezes para os funcionarios publicos, e nem um dia (de pagamento, se entende) para os juristas do estado!

Temos pena de te ficares chamando o « anno do nas- » cimento da Liga dos interesses economicos (vulgo » materiaes) do paiz. » Só por isso te julgo digno de te escreverem o necrologio, ainda que seja bem par-

vo, como são quasi todos os que por cá se escrevem. Eu dar-te-hei por *epitaphio* este empurrão de Bocage:

«*Vai-te mofoño! Engulam-te os infernos!*»

Os leitores nos perdoarão a aspereza (e talvez grosseria) desta tancorosa invectiva ao anno de 1848. É uma vingança nobre, e que nos servirá de *consoada*, já que não tivemos outra. Estamos certos de que muitos, para quem elle correu bem amargo e atropellado, nos hão-de agradecer muito mais esta descompostura, do que se lhes mandássemos um *casal de perús*.

Nem *missa do gallo* houve! Estavam as igrejas abertas, sim, mas a noite feia, lamacenta, e chuvosa que mettia medo, de sorte que ficaram vãs. Apenas algumas velhas devotas se arrojavam a ir ouvir a *gaita de foltes*, que tanta alegria e zum zum provoca no mulhierio que a esta missa costuma concorrer. Nem homens geitosos lá foram: a razão é sabida — é porque estes não vão á missa do gallo para ver nascer o menino, é para verem rezar as meninas, e essas estavam em casa praguejando a chuva, e desfazendo os papelotes de raívosas e amofinadas... Resignação, minhas senhoras, que para o anno Deus fará bom tempo (vid. as *folhinhas* novas para o anno que vem).

O frio e a chuva porém estavam famosos para se fazer a *meia noite*. Mas que querem! se a maioria dos portuguezes estamos hoje tratando de ir á história pela virtude da sobriedade, como os Agiselas, Rutilios, Catões e outros

«*Em quem poder não teve a gula.*»

Dantes não havia perús que bastassem para a festa do Natal, agora poucos lhe pôdem chegar; e muitos contentam-se com a sua perúa, que segundo dizem os gastronomos, são mais fáceis de cozer...

As *broas* tamhem supomos que já vão cahindo em desuso. O Sr. Ferrari (o rei dos *pasteleiros* de Lisboa) fêl-as menos más, porém não satisfazem as exigencias do progresso dos paladares; — é preciso tamhem reformar as *broas*. O torrão d'Alicante sim, esse sahiu-lhe famoso.

Dizia-se que na botica do Sr. Barreto appareceriam este anno umas *broas* de nova receita; não nos custa porém que isto se verifique.

A Liga, os oradores da Liga, a meza da Liga, a votação da Liga, os apagadores da Liga, o relator da Liga, as propostas da Liga, e o jornal da Liga — eis os textos que teem andado em commentario toda a semana, e que nos hão feito errar, por mais de cem vezes, a contagem dos votos que teve Luiz Napoleão para a presidencia da republica!

Realmente *la cosa es seria*. Trata-se de saber como e de quem se ha-de compor a Liga. Uns querem que alli possa entrar todo o bicho careta (seja dito sem offensa alheia), outros votam porque se restrinja a admissão por via de uma especie de eleição. Ambos

estes meios tem seus inconvenientes, como já eloquentemente alli se expozeram. A entrada franca, como a principio se propoz, tornaria a Liga tão *populosa*, que não cabendo na «sala do risco do Arsenal», ver-se-hia obrigada a reunir no «Terreiro do Paço», e o presidente teria de montar-se de garupa com el-rei D. José, para poder ser visive!, e dirigir dali os trabalhos por um oculo! As propostas porém dos Srs. Mendes Leal e Pinto Coelho devem resolver todas as difficuldades.

É preciso porém que a presidencia seja mais atenta e imparcial. Compadrio alli é repugnante, e se tornarmos a ver nomes *cerzidos* na lista da inscripção, em prejuizo de terceiro, não lho havemos de perdoar.

Louvamos o fervor que se vai desenvolvendo nas discussões desta patriótica assembléa, e pedimos ao publico não dê ouvidos as vozes desanimadoras que se espalham contra ella. Pela nossa parte julgamos esta Liga credora de se lhe conferir aquelle mesmo mote que Eduardo III de Inglaterra fez para a da condessa de Salysbury:

Honny soit qui mal y pense.

Domingo de certo se resolverá a grande questão do art. 4.º. Lá nos veremos.

O Salitre, o *theatro fossil*, ainda vai aos cartazes. Quarta feira (20) heuve alli uma pomposa recita em beneficio de unás tantas victimas, não só dos *ultimos* mas dos *penultimos* e *ante-penultimos* acontecimentos! Varios amadores (vulgo curiosos) da arte scenica, representaram o *Cigano*, drama obsoleto, e um anachronismo ou uma satyra, visto ser em beneficio de realistas. Se todos os reis fossem como o desta peça, estávamos tamhem caído em republicano. Alguns papeis foram bem desempenhados, e nomeadamente o de Pacheco e do chefe dos ciganos. A dama (Sra. Santos) disse algumas cousas com muita arte e intelligencia, sobre tudo no dialogo com o tio (conde de Soria) engeitando o casamento que elle lhe queria fazer, quando (já violentada pelo rei) disse, realmente commovida «que não tinha animo nem para contar tudo a seu futuro esposo, nem para lho occultar.» Isto foi proferido com tanta ingenuidade e pudor, que a toda a platea (como a nós) deveu infundir o mais lisongeiro conceito da educação e modestia da Sra. Santos. Raras vezes se notam destes *lances* nas actrizes de profissão.

O que porém se esperava com mais gesto era a recitação das poesias annunciadas, e fôra o que attrahira alli mais gente. Infelizmente os Srs. João de Lemos (auctor da *Voz do Soldado*) e Casal Ribeiro (do *Emigrado*), não lograram a ventura do Sr. Palmeirim (do *Veterano*), porque neste paiz ha muito pouca gente que tenha *boa prosa* para ler versos.

O Sr. Leal (que não temos a honra de conhecer se não pela voz), recitou com muita frieza e impropriedades, tanto a *Voz do Soldado* como o *Emigrado*. Não

o censuramos por isso, comprehendemos a difficuldade. Que arrogancia e hombridade não é mister, para se poder recitar este final da *Voz do Soldado*; falla dos louvores do nosso Portugal:

Sou teu filho! e ao teu nome
 Irá sempre á Espada a mão,
 Quer descarnada e'o a fome,
 Quer cançada a pedir pão.
 Patria! Patria! é este o brado,
 E' a crença do soldado,
 A crença do coração!

E não menos difficil é o tom saudoso e amargurado que pede a recitação, por exemplo, desta estancia do *Emigrado*, que é uma das mais mimosas poesias elegiacas modernas, que nos tem enchido as medidas:

Que vida! Que triste vida.
 E' a de um pobre emigrado.
 Que saudade tão sentida!
 Vê todo negro o porvir...
 — Patria — clama, sem ouvir
 Um só ecco repetir
 Aquelle nome sagrado!

O Sr. Braz Martins porém, como intelligente poeta que é, recitou o *Veterano* com tal mestria, que não sabemos palavras que possam pintar o effeito e enthusiasmo que produziu na platêa, e de cuja gloria foram participantes tanto o poeta como o artista.

Em uma narrativa quasi toda queixosa, o Sr. Martins quando chegou ao ponto em que o veterano descreve a filha do seu camarada por estes tão mimosos termos:

« Foi crescendo, foi crescendo,
 Fez-se bonita sem par:
 Com taes dotes quem podia
 Vêl-a uma vez sem a amar?
 Eu por mim, mais era velho
 Não cria n'outro Evangelho. »

soube dár ao rosto um ar tão risonho e derretido, que parecia mesmo um destes a que o povo chama — depois de velho, gaiteiro.

Outro rasgo magistral da recitação foi neste bocadinho de historia de Portugal que o Sr. Palmeirim resumiu habilissimamente:

« Morrerei como quem serve
 Com disvelo o seu paiz;
 Que as honras cá neste mundo
 Parecem ser só dos vis:
 Eu por mim, pobre vet'ano
 Já colhi o desengano. »

A platêa neste passo não se cançava de bater as palmas. A verdade tem isso consigo, até os que ella fulmina lhe prestam homenagem. O Sr. Palmeirim foi chamado á ovação do proscenio, e quando se annun-

ciou que não estava no theatro, pareceu que todos pondo a mão no peito diziam: *Mentis! que no coração, dos que somos aqui, está vivo e presente o joven cantor do nosso Camões.* E o chronista, a que ninguém leva a palma em tão portuguez affecto, regista ufano este *factum consummado.*

Eram duas horas da noite, e ainda durava o spectaculo, no qual entre outras coincidencias, notamos uma que poucas vezes se darã. No fim do segundo acto, quando o conde de Soria declara mui ancho: *Agora estou feito primeiro ministro de Hespanha*, cahiu o panno em que está retratado o Marquez de Pombal, e appareceu no seu camarote o nobre marechal Saldanha.

A litteratura portugueza vai com vento em pôpa: publicam-se dois dictionarios da lingua; — annuncia-se um poema em tres cantos, intitulado a *Murraça* (já temos a *Mariolada*, agora falta-nos a *Caçoada*); annuncia-se mais, um jornal com o titulo de *Fiel Portuguez*; — outro denominado o *Iris* (se disser cousas do *arco da velha* pôde justificar-as com o seu nome); — a *Propriedade* de Mr. Thiers continua a ser refutada folhetinalmente por um mestre de meninos; — vai publicar-se o *Processo das Hydras*, annuncio que nos faz recordar aquelles processos que os bispos faziam aos gafanhotos, e ratazanas, na idade media, para os poderem exorcismar, como candidamente nos historiam Cassaneo, dos de França, e Navarro, dos de Hespanha.

No meio destas cousas semi-serias, Mr. Baron, annuncia nos jornaes uma nova agoa para *tingir o cabelo de todas as côres.* De todas as côres? Como se intende isto? Virã agora a ser moda o *cabello tricolor*? Ha-de ser bonito, um cidadão com a cabeça pintada como a hobreira de um droguista! Ora, Mr. Baron, continue a vender a sua *pomada vegetal* (naturalmente é de *alhos*, por ser o vegetal que tem mais affinidade com certas cabeças), e não nos venha tambem *colorir* os topetes, que fica mal. Os doidos já estão na sua casa nova; foram todos d'omnibus, com grande acompanhamento, por causa das duvidas.

Não se baptizou, casou, nem finou pessoa alguma que deva ir á historia (vulgo chronica).

Na Assemblêa Philharmonica ensaia-se a *Estrangeira* para se executar no proximo concerto harmonico. Por falta de noticia (nunca de boa vontade) deixámos de mencionar no num. passado o brilhante concerto que houve na *Melpomenense*, dirigido magistralmente pelo Sr. Casimiro, e no qual a Sra. D. Sophia Cossoul cantou a solo pela primeira vez, com muito applauso, e incentivos para que continue. Cantaram tambem com muito primor, diferentes peças escolhidas, as Sras. D. Emilia Santos, D. Maria Costa, D. Carlota Mattos, D. Ephigenia Silva, e D. Sophia Futscher.

Temos agora ao Loreto uma pasmaceira para muitos dias. E' a asiatica e quasi luxuriosa loja de chapéus do Sr. Hirsch. Está realmente linda, mimosa,

de novo gosto e muito rica. Ouro e marmore, vidres de còr, toda estrellada sobre fundo azul celeste, e bem illuminada a gaz, parece, como se costuma dizer, um céu aberto. Dizem que não estão alli menos dos seus seis mil cruzados. Agora, por espirito de nacionalidade, deve passar para alli a freguezia de Mr. Charles, se é que na qualidade e preços o Sr. Hirsch fizer vantagem, o que para nós é problema que pela propria experiencia havemos de resolver.

Antes que nos esqueça, vamos a dar um cavaco para não perder amigos. Antonomasia nunca se pôde tomar á má parte. Auctorisamo-nos com um dos mestres da lingua, Vieira, quando disse: Nomeando-se em Portuguez Viana, singelamente, se entenderá esta (que ao presente tratamos) pela figura que os rhetoricos chamam *antonomasia* ou *excellencia*. A hom entendedor meia palavra basta.

Sentimos que um jornal d'ante-hontem, defendendo o Sr. Abbade Castro (no que bem haja) se houvesse com tanto descommedimento e grosseria, que até se diz que nos tocou pela porta (ainda que nós não sentimos). Abjurámos a critica insultuosa, não a sabemos fazer; mas querel-a desauctorisar chamando-lhe de botequim, é macaquear o padre José Agostinho, que temia tanto o das *parras*, que desde o abjecto *poema dos burros* até á mais obscena das suas satyras o não largou dos dentes. Nem uma palavra dissemos do opusculo intitulado *Fac-similes*, e foi por consideração ao auctor, que não nos faltava assumpto para censura. Mas já que se nos vem dar uma picada no idioma de Byron, perguntaremos ao apologista por honra da lingua de Virgilio, com que auctoridade está alli aquelle intruso s, a fazer no latim pluraes á portugueza? Que merece o escriptor d'aquella nota ácerca de D. Diniz? E por ultimo, que em vez de nos vir á cara com textos castelhanes, leia este classico, de Diogo Bernardes:

« Eu não mé queixarei que me reprehenda
O sabio, o virtuoso, o amigo puro,
E sendo mister mais, q'a mais s'estenda,

Este *durissimo* «q'a mais s'estenda» dá a entender que tambem o auctor pôde levar seu puxão d'oreilhas... se não tomar emenda. Eis aqui como os nossos bons escriptores entendiam a critica, e não só elles; o mesmo Pope (*Essay on Criticism*) disse:

« *Those best can bear reproof, who merit praise.* »

Louvamos a bisarria com que o Sr. Abbade Castro não quer tirar lucro das suas obras (nenhuma das quaes *soffre* encadernação inteira), mas deve saber o apologista, que o opusculo que Sua Reverendissima escreveu sobre o extincto convento dos Caetanos foi, é verdade, offerecido (o seu producto) para *vestir* dous alumnos pobres do conservatorio, mas parece que ainda até agora andam *nus*, porque a venda não deu nem para uma tanga!..

O *cavaco* do Gremio declarou *femininas* as duas letras do alphabeto *M* e *J*, pela continuidade com que ha um anno a fio estão a palrar uma com a outra, no folhetim do *Estandarte*.

A *Revista de Lisboa*, da *Revolução*, muda-se este semestre para o ultimo andar (vulgó, agoas-furtadas, ou trapeira) da semana, que é o sabbado (vid o num. 2036).

Lisboa tem agora tres *revistas*, cujos *revisores* são — do *Pharol* (Srs. Serpa e Latino) — da *Revolução* (Sr. Lopes de Mendouça) — e da *Nação* (Sr. Ayres Pinto).

A *Epoca* não tem revista, mas tem chronica, que é coisa mui diversa — segundo entende o

Barão d'Alfenim.

AVISO.

Com este N.º termina o segundo trimestre e o primeiro volume da « Epoca ». Rogamos encarecidamente aos nossos assignantes que entreguem o mais breve que lhes fôr possível o importe das suas assignaturas aos nossos correspondentes; e procurem auxiliar-nos na nossa empresa obtendo-nos algumas assignaturas novas.

Os Agentes da « Epoca » são:

S. Lourenço do Bairro Mialhada, correspondente em Aveiro, José Simões de Paiva. — Middões, em Vizeu, Antonio da Silva. — Mialhada, Condeixa, Tentugal, em Coimbra, José Joice. — Alemquer, em Villa Franca de Xira, D. Maria Jacintha Salgado. — S. Miguel, Philippe Maria Bessone. — Fundão, Guarda, Mangualde, na Covilhã, Antonio Joaquim da Silva Junior. — Castro Verde, Campo Maior, em Portalegre, José Anastacio Dias Grande. — Angra, Terceira, Frederico Ferreira Campos. — Villa Nova de Milfontes, Odemira, Campo de Ourique, em Sines, Joaquim Pires de Mattos. — Quiaios, Alhadas, Maiorca, Cadima, na Figueira, Ignacio Fernandes Coelho. — Soure, Pombal, Marinha Grande, em Leiria, Miguel Joaquim Leitão. — Penha Garcia, Idanha Nova, Pena Macôr, Sigura, Rosmaninhal, Sarzedas, Alpedrinha, em Castello Branco, Francisco José Mourão. — Ovar, Oliveira de Azemeis, na Feira, Bernardo José Corrêa de Sá. — Ponte de Lima, Vianna do Castello, Vianna do Minho, em Vianna, Luiz Manuel Monteiro. — Frêixas, em Mirandella, José Bernardo Pinto Saraiva. — Povoá do Lanhoso, em Braga, João Antonio d'Oliveira Braga. — Portel, Serpa, Villa de Frades, em Beja, José Ricca. — Peniche, em Attouguia da Balea, Francisco Manuel Velloso da Horta. — Fayal, Manuel Alves Guerra. — Olhão, Loulé, em Faro, José Bento Dias Ferreira. — Monte Alegre, em Chaves, João de Sousa Pinto de Barros. — Funchal, Madeira, Goulde Roupe & C.ª — Villa Nova de Portimão, Alcantarilha, em Lagos, Januario José Simões.